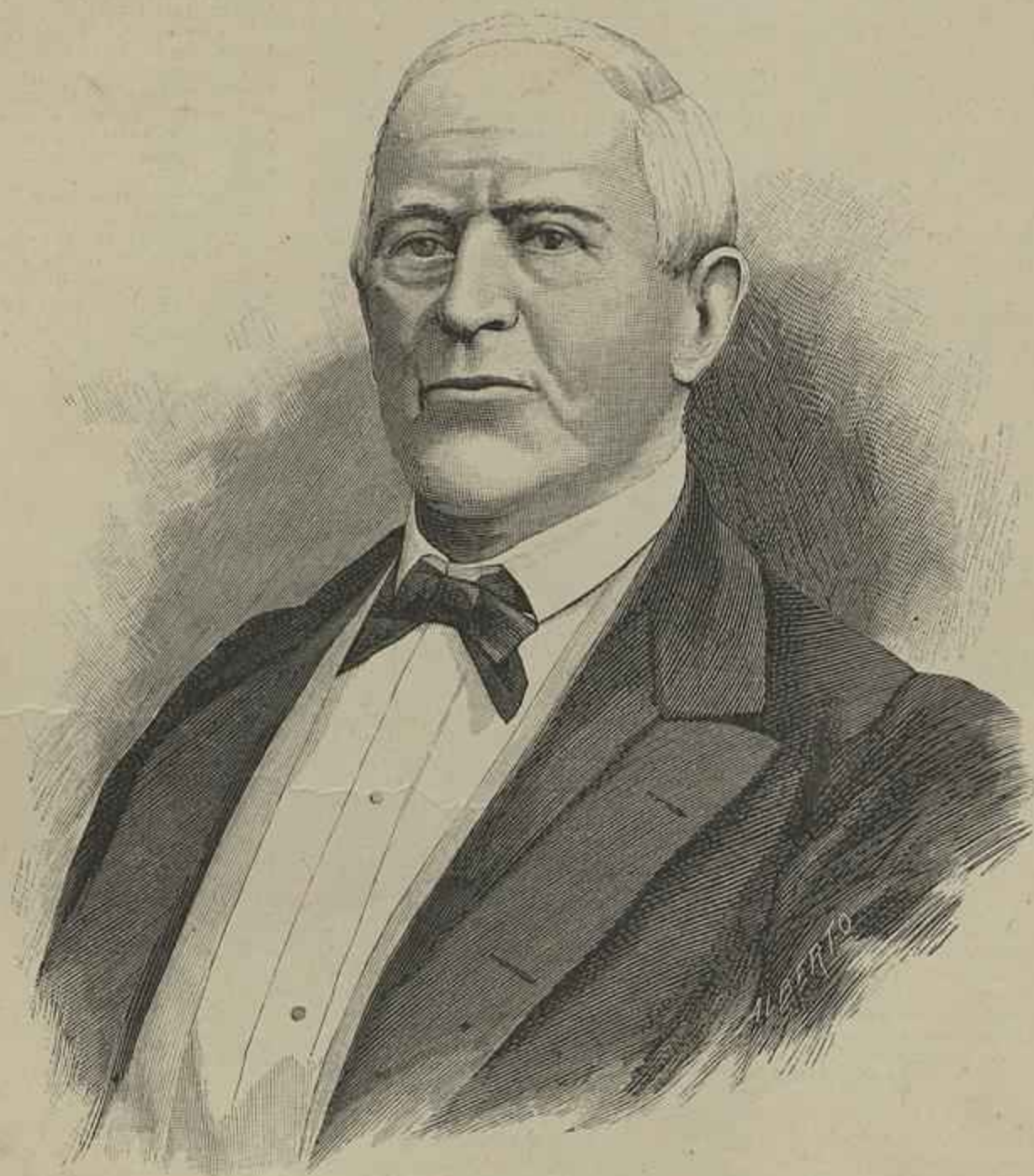


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 56 n.ºs	Semest 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 582	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3800	1800	5950	3120	25 DE FEVEREIRO DE 1895	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4000	2000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5000	2500	—	—		



VISCONDE DE SEABRA — FALLECIDO EM 29 DE JANEIRO DE 1895  
(Cópia de uma photographia)



## CHRONICA OCCIDENTAL

Ha um actor em Lisboa, o sr. Chaves que tem a rara habilidade de imitar todas as celebridades que apparecem em os nossos theatros e circos, celebridades por mais extraordinarias que ellas sejam.

Assim o sr. Chaves é ventriloquo, somnambulo, prestidigitador, fabrica *fantoches* a que muito bem chamou *Androides*, e ha mezes imitou o calculista *Inaudi*, d'um modo verdadeiramente inaudito! Como aqui ha uns annos estivesse em Lisboa uma celebridade cujo nome não nos recorda, celebridade que se exhibia no Colyseu da rua Nova da Palma, partindo ao meio, d'um só golpe com uma espada afiada, um carneiro inteiro, o sr. Chaves acto continuo preparou se para executar o mesmo difficilissimo trabalho. Por acaso em uma Villa na outra margem do Tejo, assistimos a um espectáculo no theatro onde o sr. Chaves annunciava esta raridade.

Foi um acontecimento na terra; casa cheia e o sr. Chaves lá estava, de pulso rijo, espada afiada... e mais o carneiro esfolado e dependurado por uma corda no meio do palco. Grande emoção nos espectadores e assim que entrou o artista barbeado, encasacado e com o espadão empunhado na dextra — ouviu se uma prolongada salva de palmas. Principiou a operação; mas n'essa noite o sr. Chaves não estava nos seus dias felizes. Prepara-se, cria animo, retesa o braço e no chão cae um pedaço do miserero carneiro. Os golpes succedem-se e o animal vae diminuindo de volume à proporção que o sr. Chaves o vae desbastando. Aos pés do artista, o publico desgostoso vê cahirem volumosas lascas do esfolado lanigero. Apoz laborioso trabalho lá conseguiu o sr. Chaves partil-o... em tres bocados!

Ora quando julgavamos que o sr. Chaves era entre nós o unico imitador das celebridades estrangeiras, eis que o sr. Marianno de Carvalho se declara em competencia com o Saragoçano prevendo o bom e o mau tempo. Discordando o illustre portuguez, com o seu rival castelhano, divergem nas propheticas e quando o Saragoçano de Hespanha nos annuncia dias calmos e sol benéfico o Saragoçano do *Diario Popular* promete nos temporaes desfeitos e aguaceiros caudalosos.

Vá lá entendel-os! Deus porém, *super omnia* o que faz? Desacredita os dois Bandarras e manda chuva e ventania quando quer e dias primaveraes quando lhe apraz.

Por ora Deus somente lhe tem apeteçido mimosear-nos com uma invernia terrivel e eis que o Carnaval nos bate à porta, muito molhado, muito triste, triste não só das chuvas que cahem das nuvens, como das lagrimas que correm pelas faces dos infelizes, todos os que se vêem abraços com a miseria e com a desgraça, pelas searas destruidas, pelos campos alagados, pelas choupanas que se desmoramam, pelos rios que trasbordam, pelo mar que se revolta.

Todavia nas grandes cidades como Lisboa o ruido das festas consegue por vezes abafar os gemidos dos desventurados.

Ha grandes mascaradas em projecto e os estudantes do 3.º anno de medicina já fizeram a sua festa, festa alegre, passada toda em familia como é costume dizer-se, festa entre elles, os seus professores e os seus contemporaneos.

No jardim da Escola eram 2 horas da tarde do dia 21 quando desfilou pela frente dos lentes e de muitos outros medicos o cortejo que se compunha além d'uma guarda avançada e da fanfarrada, de cinco carros cheios de figuras allegoricas, ridicularisando com um bom humor proprio da mocidade estudiosa os factos do anno que mais directamente os haviam interessado. O primeiro carro conduzia uma estatua de D. Pedro IV, muito alquebrada, que um medico tentava reanimar com as injecções *Brown-Sequard*. O segundo carro continha uma allegoria à epidemia cholérica e representava os drs. Pestana e Bittencourt, lançando o anzol do alto dos Arcos das Aguas-livres ao *bacillus virgula*; ora não era positivamente o *bacillus* que os illustres clinicos pescavam. No terceiro carro os illustres clinicos pescavam, um medico distinctissimo, alludia-se ao facto de, um medico distinctissimo, hoje e um professor do Instituto de Agronomia, hoje alumno da Escola Medica, se sentarem por vezes durante a aula, ao lado do respectivo professor parecendo em taes occasiões um jury pela disposição em que os tres se achavam dispostos. Troçava-se no quarto carro do incidente que ha

tempos se passou entre um alumno da Escola e o capitão Dias; no quinto carro finalmente alludia-se aos trabalhos Escolares dos terçiranistas.

Em seguida á passagem do cortejo o alumno do 2.º anno, o sr. Manuel Penteado fez um espirituoso discurso em verso, que alegrou os ouvintes, pagando-lhes todos com applausos as gargalhadas que lhes conseguiu arrancar.

Foi uma festa alegre, bohemia, espirituosa e digna de registrar-se.

Em contraposição, como claro escuro, isto é como escuro, apontamos os disturbios alegres tambem é certo, praticados por alguns alumnos de uma outra Escola scientifica e que sómente terminaram com a intervenção da policia!

Folguedos de cabeças leves, de espiritos juvenis e irreflectidos.

Teem toda a desculpa no fim de contas; estamos no carnaval!

Até a politica se resente da folia das Saturnaes. Ao passo que o sr. José Luciano e a opposição liberal continuam na sua propaganda contra o actual ministerio e parece-nos que contra o actual estado de cousas, instigando o paiz a que não pague os impostos, o sr. José d'Alpoim aconselha nas suas correspondencias para o *Primeiro de Janeiro*, ao povo a que faça gestos ao governo!

Decididamente estamos no carnaval, não ha que duvidar.

Em summa imitando o conhecido proverbio diremos: — Opposição és, ministro serás, como fizeres assim acharás.

Para nos consolar, segundo nos consta o ministro da marinha, o sr. Ferreira d'Almeida vae em breve assignar um decreto abolindo na armada os castigos corporaes, assignatura que de certo lhe dará ainda mais lustre ás suas brilhantes dragonas de official; e o sr. Antonio Ennes acaba de participar ao governo que a revolta dos negros em Lourenço Marques está em excellentes caminhar de ser soffocada pelos nossos briosos soldados.

Se ha quem nos deprima e perturbe tambem ha, graças a Deus, quem defenda a nossa bandeira e illustre a nossa patria!

As noticias theatraes não são das melhores. Todos os theatros funcionam é certo mas luctam com a concorrência atroz das companhias estrangeiras. Em Lisboa actualmentemente funcionam trez casas de espectáculo, casas enormes, onde trabalham trez companhias estrangeiras, não fallando de S. Carlos — note-se. — Essas casas de espectaculos, são o theatro de D. Amelia, o Colyseu das Portas de Santo António, e o Colyseu da rua Nova da Palma.

Pode se calcular o prejuizo que estes estabelecimentos causam aos theatros portuguezes!

Pois não seria possivel que os authors dramaticos, os actores, e toda a muita gente que vive dos espectaculos portuguezes reunisse, e junto dos poderes publicos reclamasse e pedisse qualquer protecção, qualquer meio de impedir tão cruel como perigosa concorrência?!

No dia 28 d'este mez realisa-se no Gymnasio a decima quinta recita da formosa comedia de Pinheiro Chagas *Lição cruel*, recita que é offerecida pela Empresa ao seu glorioso author, preparando-se para essa noite grandes festejos e manifestações de sympathia pelo brilhante homem de letras que é por todos os motivos, uma das maiores glorias litterarias do nosso paiz.

Uma commissão composta de jornalistas, authors e amigos de Pinheiro Chagas encarregou-se da organização da festa; e Thomaz Ribeiro está escrevendo uma poesia que será recitada durante o espectáculo.

De resto, novidades theatraes ha a mencionar a magica de Joaquim Augusto de Oliveira, *Os Amores do Diabo* que subiu à scena hontem no Principe Real, *La Espada de Honor* — uma nova zarzuela que se representou ha dias, com vivo agrado, no Colyseu das Portas de Santo António pela companhia de Cereceda e em S. Carlos o desempenho da Darclée na *Traviata* que foi primoroso.

A notavel artista é modernamente a interprete mais distincta d'esta opera. — Representou e cantou a parte da *Violeta* por tal forma que nas duas

recitas que a opera já tem, o publico acclamou-a e victoriou a entusiasticamente.

E tudo mereceu a grande artista que nos deu duas noites excepcionaes, d'essas noites que nos diliciam e que se assignalam nos annaes gloriosos do nosso theatro lyrico.

A pertinaz enfermidade de Gervasio Lobato impediu-o de escrever esta chronica. Os leitores do OCCIDENTE perdem com isso, é certo; mas damos-lhe a boa nova de que o nosso illustre amigo já está em via de restabelecimento, devido á sua robusta organização e aos cuidados dos que o rodeiam.

Fazemos votos para que no proximo numero, Gervasio Lobato retome o seu logar.

Augusto de Mello.

## VISCONDE DE SEABRA.

Á nova geração litteraria, respeitadora sem duvida dos homens illustres, mas que pensa e escreve de maneira diferente da geração de hontem, é-nos grato falar hoje, a essa pleiade de môços, de um homem antigo, que nasceu com o seculo, uma das suas glorias, e que, indubitavelmente grande sendo nosso, merece a consideração da Europa, pela vitalidade e alteza do seu talento, a quem, se fora em França, chamariam — genio. Quero falar do Visconde de Seabra.

Tratei o mestre dos jurisconsultos portuguezes em Coimbra. Eu era creança elle velho, quando o vi a primeira vez. Foi em dia de festa. A universidade conferia premios aos alumnos mais distinctos; quem os honrava entregando-lhes seus diplomas era aquelle grande vulto, então reitor das escolhas. Honrei-me tambem recebendo-o de sua mão. Fimda a cerimonia, aos professores de todas as faculdades, aos escolares que enchiam a vasta sala dos actos grandes, dirigiu a palavra eloquente. Isto foi ha trinta annos; o visconde de Seabra tinha 65, mas estava no vigor da idade. Avançou junto da theia que separa os doutoraes dos estudantes; era alta sua estatura elegante, vestia a farda de ministro da coroa, levava a tiracolo uma grã-cruz; mas sua principal distincção promanava lhe da justa celebridade, em relevo sempre pelo dizer insinuante, e a nobre altivez de sua cabeça, coroada de cerrados cabellos brancos, que pareciam reflectir lhe a luz do talento e da bondade; avançou atavel, risonho, e, durante meia hora, sem ler ou recitar discurso estudado, enlevou a formosa juventude, mais pela expressão viva e animada de sua phrase e gestos, que por idéas profundas, de que não quiz usar. Quando elle concluiu, contrariamente ás praxes e tradições academicas, na enorme sala dos capellos, decorada com os retratos de todos os reis da monarchia e cujas tribunas se viam apinhoadas de senhoras, echou, filha da commoção geral, ruidosa, unanime e prolongada salva de palmas. Todos ficaram encantados. O auctor do *Codigo Civil*, o poeta erudito que traduzira Horacio, o escriptor vernaculo da *Propriedade* calára no animo da academia; e em tempo nenhum homens môços foram governados por ancião mais môço, nas idéas, nos affectos e nas sympathias.

Pois hoje em terra jáz o illustre velho. Falleceu de 96 annos de idade, na sua casa de Mogofores, a 29 do mez findo. Surprehendeu-o a morte, ainda risonho, traduzindo do latim o seu caro Ovidio. E foi-se, á maneira dos antigos, como morreria Varão ou Propercio, com a tranquilla consciencia de um homem que acredita nos deuses, e que vae habitar o olympo, onde o esperam seus irmãos collaços — o Dante, o Cicero, o Camões, o logico Poithier, o celebrado Heinecio, e tantos varões de fama, que escreveram poemas, a que deu immortalidade, ou a justiça ou o sentimento. D'elle o maior não o escreveu em verso, senão em prosa; mas é tambem um poema, cujo protagonista é o *Direito*, e que se chama — o *Codigo Civil*. É um poema; e quem o duvida? Lá se encontram os direitos originarios, o da existencia, da liberdade, de associação, da defeza; verdadeira poesia da natureza humana; lá se encontra o *cidadão*. Das grandes épocas da historia tirou o imminente jurisconsulto o *Codigo Civil*. Se o seculo XII, victoriosas as revoltas communaes, deu ao ser humano, a faculdade de dispôr — isto é a *liberdade civil*; se o seculo XVI, apoz as luctas religiosas, consentio ao pensamento o vôo livre — isto é a *liberdade religiosa*; e o XVIII, com sua grande revolução social, a cada um fez comparte do governo,

isto é, se creou a *liberdade politica*, as tres grandes revoluções crearam o cidadão. Compennado d'estas idéas o Visconde de Seabra escreveu o código civil, e ali archivou todos os direitos humanos: — uma carta de alforria. Não satisfeito — desceu ás mimudencias, ás hypothèses, e para cada uma d'ellas ditou a prescripção propria. Os que discutiram e approvaram o código, antes de ser convertido em lei, reformaram-lhe o estylo, por vezes quizeram de concerto harmonisar interesses diferentes, desceram a transacções, tal no casamento, mas não lhe mudaram a structura nem a substancia. Se o poema foi e é representado, proprio da scena, em seus lineamentos o pensamento original ficou inteiro. O livro do illustre jurisconsulto — a *Propriedade*, introdução ao *Código Civil*, é trabalho de prosador elegante, e em todo elle respira o largo folego de uma intelligencia clara. Foi escripto depois que Prudhon, em duas memorias e na carta a Blanqui, soltára seu grito de que ra — a *Propriedade é um roubo*; grito que fez sair a combate philosophos, politicos e economicistas, entre os quaes sobreexcederam Cousin, Thiers e Bastiat. Todos estes *illustres* investiram á compita em favor da natureza humana. Para existir o homem, conclamaram, são necessarios os meios de vida: d'ahi a propriedade.

O código civil e a *Propriedade* são os livros principaes do Visconde de Seabra. Mas durante a sua vida, cortada de revoluções, sempre a toda a hora encontrou momentos para ser um homem util; e assim quantos pamphletos, quantas polemicas jornalisticas, quantos discursos, tratados e apostillas de direito, não produzio a *verne*, o talento enexgotavel d'aquelle *vir prudens*, d'aquelle varão insigne, comparavel aos antigos por seu trabalho constante, alegre, que tão apenas achava descanso em conversas ensinantes, onde quer falando, quer escrevendo fa á conquista de todos pela palavra erudita e persuasiva! Certo dia, ao sair da Academia Real das Sciencias, em que fôra disserto com a facundia só d'elle, resolveram os consocios acompanhá-lo a casa; e elle, accetando agradecido, propunha lhana e naturalmente, que, por encurtar a distancia, fossem todos conversando em latim! Tinha pilhas de graça, o nosso caro mestre e amigo, Dias Ferreira, contando o caso em uma sessão academica, em que o espirituoso caudico e o auctor d'este artigo, cada qual por sua vez, exaltaram o eminente jurisconsulto. A academia fel-o então socio emérito. Era bem pouco; mas foi o mais que pôde conceder-lhe. Dia virá porem, em que, ao menos na sala das conferencias veremos o seu busto, para a affirmação de que, se Portugal tem homens de saber, igualmente possuiu homens de genio; e o Visconde de Seabra era um d'esses. E dizemos que elle tambem fazia bons versos, e que tambem deu boas sentenças, e que tambem fôra homem de estado, bom administrador, e tambem soldado! Assombrosa, a pujante vitalidade d'aquelle nosso grande conterraneo! Se visse em França no tempo de Napoleão I, estava sabido que o Cezar moderno lhe chamaria seu primo, como fez ao Massena, ao bravo principe Eugenio, ao espectacular Murat, e a tantos outros cujas altas qualidades lhes davam pezo para serem honrados d'est'arte. Entre nós foi se, em modesto acompanhamento, dormir o ultimo somno n'um pobre cemiterio d'aldeia; tinha mais um anno do que o seculo, e ha ia-se-lhe apagado a luz dos olhos, antes que se lhe apagasse a luz da intelligencia e a da vida. Mas até em seu viver physico era um valente. Testemunha presencial nos contou, que ainda em vespuras de morrer, de noite se despertou, deitava a mão a um frangão assado, comia-o, e voltando-se para o outro lado, dormia descansadamente até pela manhã, em que ditava versos a seu secretario. E além de tudo afirmar que elle era bom, bom de veras, é tambem de justiça. Os ne-

gocios do mundo, o trato dos homens, as paixões e veniagens da politica, tinham-n'o deixado ingenuo; não lhe tinham assombreado o animo, não acreditava mal dos outros. E todavia esses outros tinham n'o atacado e infamado acerbamente, accusando-o de ter roubado; o que? um caldeirão! Todos os deuses no olympo estalaram de riso; mas o pobre grande homem ficou assustado, e até, foi esta a sua unica fraqueza, sahio á estacada em defeza propria, e affirmou, sustentou e provou, que não, que não tinha roubado um caldeirão! Boa gente, doce paiz, e ingenuo grande homem! Se fosse a caldeira que tomaram aos hispanhoes em Aljubarrota, explicava-se a freima dos patriotas; mas essa eu a vi em Alcobaça, e por signal que em pouco resguardo e nenhum cuidado, valha a verdade; mas outra simples caldeira, que não fosse tal documento de nossas bravuras, lá custa a crer. Acoimaram-no, porem, de tal. D'onde infiro que os patriotas eram reles e de entendimento aparvalhado, e que o illustre jurisconsulto, refilando-lhes, deu signal de fraqueza. Tambem só esta o carrega perante os posteres, que, se já desapareceu seu envolvero material, elle não desceu todo á sepultura.

Conde de Valença.

#### NOTAS BIOGRAPHICAS

O sr. Antonio Luiz de Seabra era filho de Antonio Seabra da Motta e Silva e de D. Dorothea Bernardina de Sousa Lobo.

Nasceu a bordo do navio *Santa Cruz*, nas alturas do archipelago de Cabo Verde, no dia 2 de dezembro de 1798, quando seus paes iam de Lisboa para a Asia, tendo portanto no dia da sua morte 96 annos, 1 mez e 27 dias.

Arrribando o navio ao Rio de Janeiroahi foi baptisado no oratorio do coronel Manoel Alvares da Fonseca Costa.

Vindo para a Portugal, matriculou-se, depois dos estudos preparatorios, na Universidade de Coimbra, em 1815, formando-se na Faculdade de Leis em 1820.

Desde verdes annos manifestou sempre a maior dedicação á causa da liberdade.

A revolução de 24 de agosto de 1820 inspirou-lhe um soneto que deu a lume na Imprensa da Universidade.

Em 1821, redigiu *O cidadão litterato*, periodico de politica e litteratura. Foi impresso o primeiro numero em Lisboa e os seguintes em Coimbra.

Em agosto de 1821 foi despachado juiz de fóra da alfandega da Fé.

Foram taes os serviços que prestou n'esse cargo, que o ministro da justiça, José da Silva Carvalho, lhe expedia uma portaria, em 3 de dezembro de 1821, louvando-o muito.

Em consequencia da queda do governo liberal, em junho de 1823, pediu o sr. Seabra, em julho immediato a sua exoneração; e indo para a casa paterna em Villa Flor, ahi se occupou durante tres mezes na traducção das *Satyras e Epistolas* de Horacio Flacco, e durante dois annos nos estudos de rhetorica e philosophia racional e moral.

Em 1825 foi nomeado juiz de fóra em Montemor o Velho.

Em 1826 publicou uma *Ode* que dedicou á infantia regente D. Isabel Maria; e n'esse mesmo anno o jornal o *Observador*, do qual apenas sahiram dois numeros por embaraço da censura.

Como tomara parte activa na revolução contra o governo absoluto de D. Miguel, em 1828, viu-se obrigado a emigrar para o estrangeiro, onde, em 1830, publicou em Bruges a *Exposição apologetica dos portuguezes emigrados na Belgica, que recusaram prestar juramento d'elles exigido no dia 26 de agosto de 1830*.

De volta a Portugal foi o sr. Seabra nomeado, por decreto de 25 de outubro de 1833, procurador régio junto da relação de Castello Branco, e simultaneamente exerceu o cargo de corregedor interino de Alcobaça.

No collegio eleitoral de Traz-os-Montes, foi eleito o sr. Seabra, deputado ás côrtes, que se abriram em 15 de agosto de 1834, sendo elle o unico representante que ainda existia d'essas côrtes.

Em 1835 publicou em Lisboa as *Observações do ex corregedor de Alcobaça, Antonio Luiz Seabra, sobre um papel enviado á camara dos senhores deputados, acerca dos bens do mosteiro d'aquella villa*, no qual refutava umas calumnias que então contra elle levantaram alguns dos seus inimigos politicos.

Em 1836, redigia, em Lisboa, o periodico *O Independente* e n'esse mesmo anno foi eleito novamente deputado, não chegando a exercer as

suas funcções por causa da revolução de setembro.

Em 9 de dezembro de 1838 porem, tomou assento em côrtes como deputado eleito por Penafiel, e mais tarde pelo circulo do Porto.

Em 1846 publicou n'aquella cidade as *Satyras e Epistolas de Quinto Horacio Flacco, traduzidas e annotadas*.

Foi membro da junta do Porto quando se deu a revolução de 10 de outubro de 1847.

Em 1850 publicou o sr. Seabra, em Coimbra, o primeiro volume da *Propriedade, Philosophia do direito, para servir de introdução ao commentario sobre a lei dos foraes*.

Em 1850 o decreto de 8 de agosto, lhe incumbiu a importantissima e honrosa missão de organisar o projecto do código civil portuguez.

Em 1850 concluiu o sr. Seabra o seu projecto, que entregou ao governo, e logo começou a ser largamente discutido por uma commissão, até que por lei de 1 de julho de 1867 foi approvedo e promulgado em código civil.

Em 1851, eleito deputado por Aveiro, foi nomeado em 4 de março de 1852 ministro das justiçaes, cargo que exerceu até 19 de agosto do mesmo anno. Ainda n'essa epoca, dissolvidas as côrtes elegeram-o deputado pelos circulos de Aveiro e Moncorvo e passados os quatro annos do seu mandato voltou ás camaras deputado por Aveiro e bem assim no anno de 1858.

Mais tarde, em 1861, foi representante de Anadia, sendo em 1862 presidente da camara dos deputados e nos annos seguintes até 1868 nomeado para presidir a camara dos pares.

Entremettes, em 25 de abril de 1865, foi agraciado com o titulo de visconde de Seabra.

O decreto de 26 de julho de 1866 nomeou o visconde de Seabra reitor da Universidade, lugar de que tomou posse a 14 de agosto de 1867.

Em 1868, novamente nomeado ministro das justiçaes, deixou o cargo de reitor da Universidade em 24 de julho de 1868.

Quando já cego e no ultimo quartel da vida, traduziu o sr. visconde de Seabra, de Ovidio: *O adeus do proscripto* (excerpto da versão das *Tristesas*) *A tempestade no mar Adriatico*, e *A mensageira* igualmente excerptos das *Tristesas* que foram publicados no Instituto de Coimbra.

A ultima publicação do sr. visconde de Seabra é do anno de 1893 — *A colombiada ou a fé levada ao novo mundo. Epopéa de Madame du Bocage, vertida em linguagem vernacula e offerecida a sua Magestade a Rainha D. Amelia de Orleans e Bragança, pelo socio emérito da Academia Real das Sciencias de Lisboa, visconde de Seabra*.

Deixou por concluir um romance, ha annos começado, e que se intitula — *Antonio Homem ou o Mestre infeliz*.

O visconde de Seabra, fallecido em 29 de janeiro do corrente anno, era juiz aposentado do supremo tribunal de justiça, par do reino, socio emérito da Academia Real das Sciencias, ministro de estado honorario, grã-cruz da Ordem de S. Mauricio e S. Lázaro da Sardenha, commendador da Ordem militar de Jesus Christo. \*



#### AS NOSSAS GRAVURAS

##### O NOVO PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO HELVÉTICA SUÍSSA

O dr. Zemp, eleito, em dezembro do anno findo, pela republica suíssa, presidente dos Estados confederados, durante o corrente anno, é oriundo da cidade de Lucerna, capital do cantão do mesmo nome, e nasceu em 1834.

O novo presidente cursou a faculdade de direito na universidade de Heidelberg, em Allemanha, onde, terminando o quinto semestre do respectivo curso, foi investido com o grau de doutor em leis. Ponco tempo depois era provido no cargo de juiz instructor, da mesma cidade de Lucerna, no qual, porem, se manteve durante limitado praso, dedicando-se, posteriormente, á advocacia.

Decorridos seis annos, coube-lhe a honra de ser eleito membro do conselho cantonal; e, dez annos depois, foi despachado para uma prefeitura,

\* Estas notas foram collidas, em parte, dos artigos que, o sr. Joaquim Martins de Carvalho escreveu no seu periodico *O Consi-brienne*.

1 Não é para artigo litterario a demonstração das conclusões apresentadas. Fal-o-bemos de outro modo e muito brevemente. — A qui só diremos: — Fazendo a synthese de tres revoluções legislativas o código civil, em forma concisa, mas conclusiva, a revolução dos direitos humanos, que, para não haver equivoocos, chamação *non dirctos originarios* e são, diz elle — a existencia, a liberdade, a associação, a defeza. Com tal doutrina, deixou determinadas as tres grandes conquistas da historia: — a liberdade civil, a liberdade religiosa, a liberdade politica. A primeira porque diz: — a existencia comprehende a vida e integridade pessoal do homem, e tambem o seu bom nome e reputação — a liberdade comprehendendo o pensamento, a expressão e a acção. O pensamento é inviolavel. O direito de expressão é livre, como o pensamento (art. 861, 862, 863); a liberdade politica, porque legisla ou dirige a associação ou appropriation, e ajunta — a direito de defeza; isto é a facultade de obstar a violação dos direitos naturaes ou assignados (art. 367). Conclusão logica, pois ninguém se pôde assaridos (art. 367). Conclusão logica, sem que eleja o seu governo, ou antes sem que auctorize seus legitimos mandatarios, a dispor do que é seu. Dahi a liberdade politica. E' isto o código. O mais (direitos hypotheticos ou derivados) são disposições para defender as tres inviolaveis direitos.

1 Falleceu juiz do supremo tribunal de justiça.

## A REPUBLICA HELVETICA



DR. JOSÉ ZEMP—NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA HELVETICA

voltando, porém, em breve, à sua banca de advogado.

O dr. Zemp também tem tomado parte na representação federal de 1871 a 1873: pertenceu ao Conselho de Estado do respectivo cantão; e, de 1873 em diante, passou a exercer idênticas funções, (apenas com interrupção de um anno) no conselho federal.

Em 1880, esta alta corporação elevou-a à dignidade de presidente.

—E, porém, a primeira vez que semelhante honra é conferida a um catholico e, como tal, membro do partido conservador; — e devemos, também, notar, que é caso sem precedentes, na Suíça, occupar um catholico o lugar de presidente da confederação.

O dr. Zemp é, aliás, estimadíssimo, tanto pelos seus correligionarios, como pelos seus adversarios politicos. O seu caracter integerrimo, a sua indole franca e jovial grangearam-lhe a muita popularidade que disfructa,

A igreja apostolica deve-lhe relevantes serviços.

A Suíça é regida por um governo republicano federativo e esta tem sabido dar à Europa o exemplo de um povo que sendo livre, se governa por si proprio, progredindo sem cessar, adquirindo sempre o maior grau na sua liberdade, moralidade e bem estar.

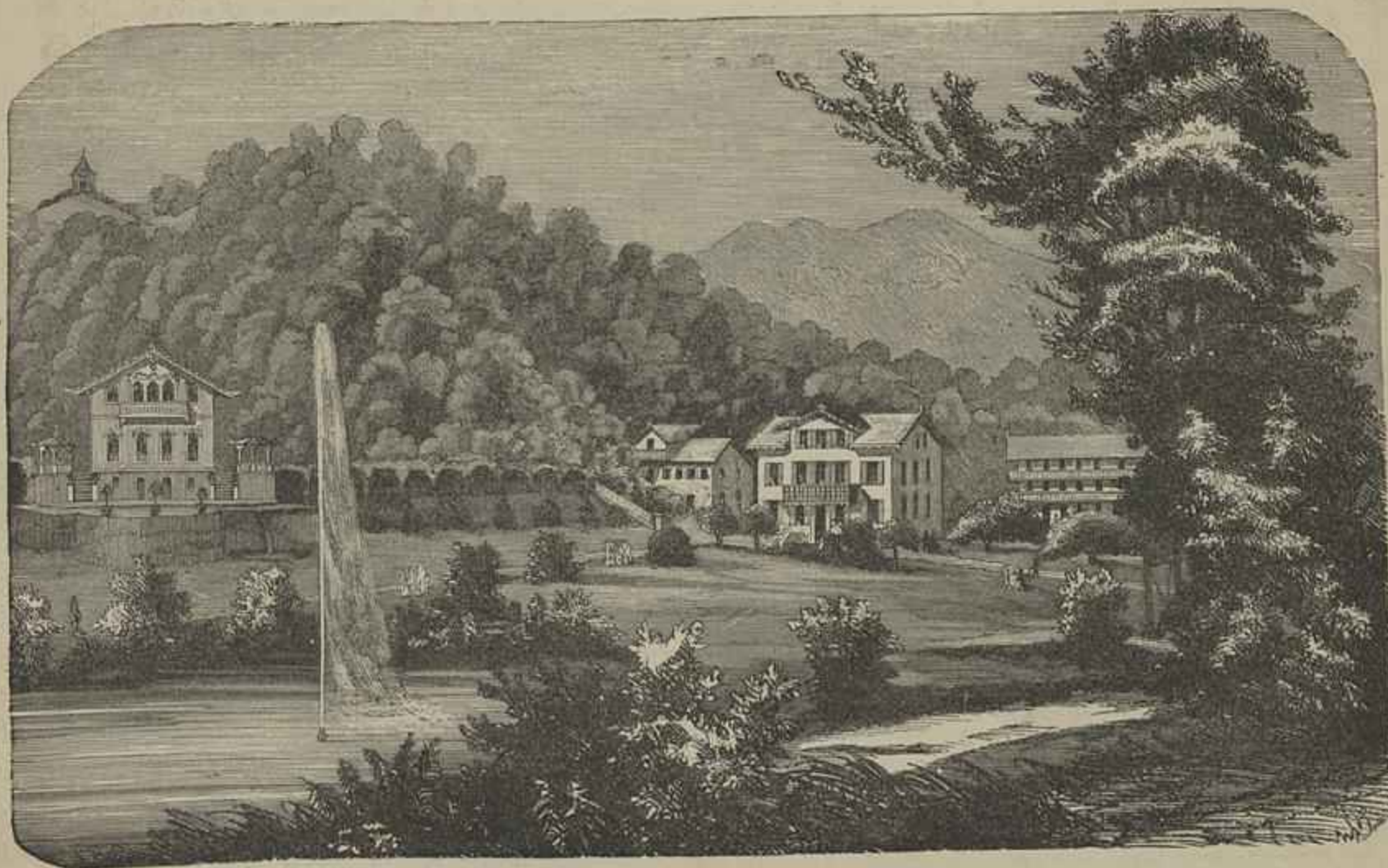
E' a assembleia federal quem representa a auctoridade suprema da Confederação e compoem-se de duas camaras ou conselhos dos Estados. Cada cantão elige um deputado. O conselho nacional é eleito por suffragio directo.

Os cantões são 22 e cada um administra-se nos limites que lhe são prescriptos pelo pacto federal; esta constituição da Suíça funda-se no principio commum da soberania do povo.

A instrucção é larga, e nem podia deixar de ser assim, n'um paiz em que o povo governa.

Como industriaes são bem conhecidos os artefactos e manufacturas suissas.

Os suissos apesar de pertencerem a quatro raças distinctas e fallarem idiomas diferentes, seguem á risca a maxima republicana: «um por todos e to-



UMA PAISAGEM DA SUISSA

dos por um» e assim se espalha o seu commercio. Povo de vida modesta, povo de grande actividade industrial, povo imminantemente independente, os suíços serão sempre uma nação respeitada e estimada pelo seu trabalho e pela inteireza do caracter que os unifica.

A Suíça com as suas altas montanhas cobertas de neves eternas, com as suas geleiras, com os seus bellos lagos, no centro de varseas cheias de frescura, a sua flora tão variada e tão real é um dos paizes mais pittorescos do mundo e a região mais montanhosa da Europa.

Toda a sua parte meridional e uma parte da região oriental são atravessadas pelos Alpes e suas ramificações.

Uma grande porção da Suíça occidental é coberta pelo Jura; enfim uma vasta planície ondulosa cuja altitude varia entre 250 e 320 metros

E' das geleiras que caem os grandes rios, como o Rheno e Rhodano os quaes vem despeñando-se em pittorescas quedas, precipitando-se em vapores offerecem um espectáculo attraente.

Estes rios trazem aguas turvas e coloridas com a greda das camadas que atravessam. No centro dos Alpes ha grandes bacias de depuração onde os rios vem mergulhar, para sahirem depois limpidas como crystal, — são os lagos e n'elles está a maior belleza da Suíça.

Os dois grandes rios dos Alpes alimentam tambem dois grandes lagos. O Rheno forma o lago Constancia e o Rhodano o de Geneva; o lago de Zurich é o mais gracioso e poetico de todos os lagos da Suíça. As habitações que o rodeiam são verdadeiros palacios de fadas, risonhas, coloridas, luxuriantes de luz, de vegetação, de vida.

É um paiz modelo pelo seu trabalho e pela sua administração

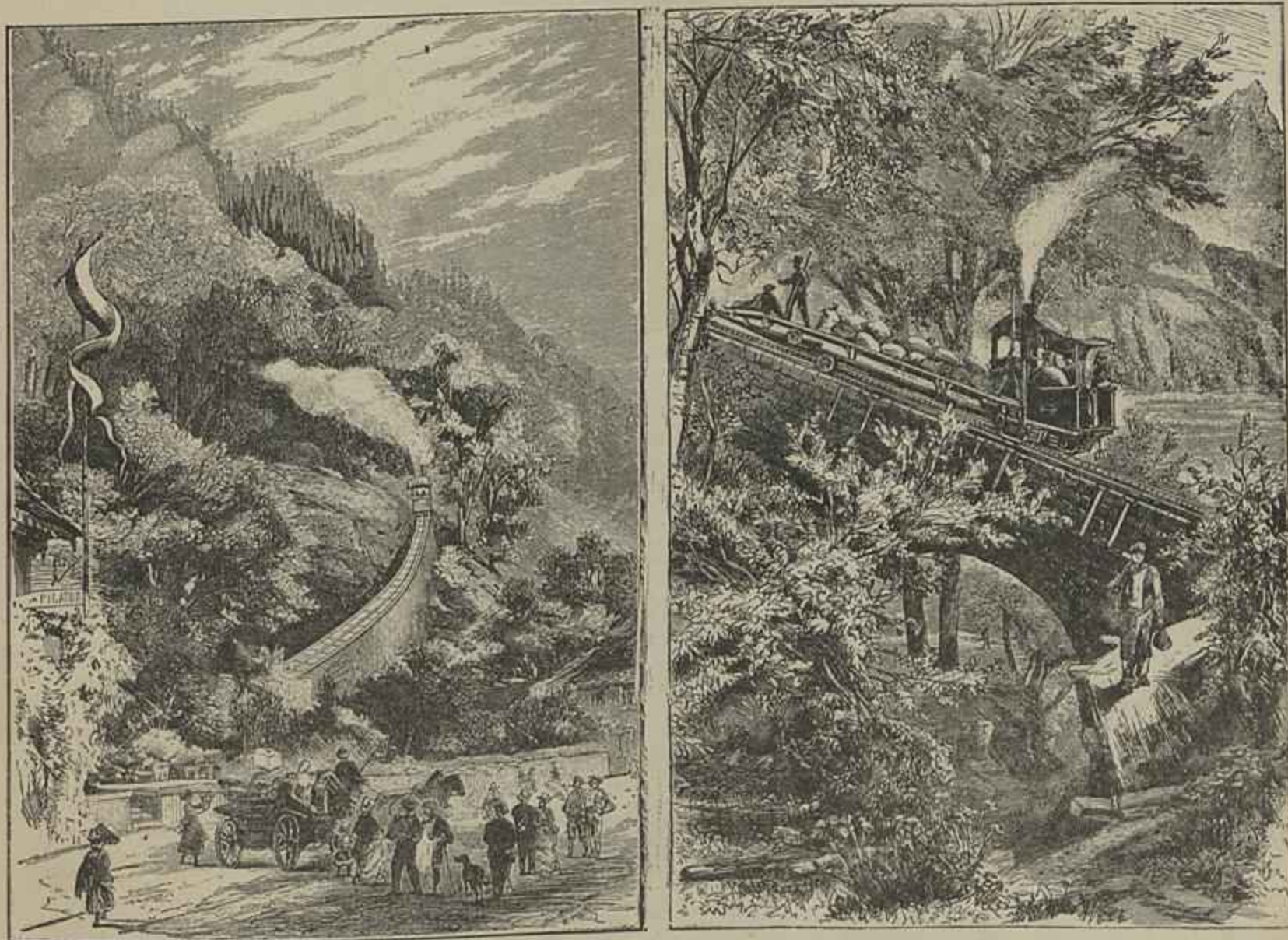
#### A CAPELLA DO SENHOR DAS BARROCAS EM AVEIRO

O templosinho gracioso e elegante que a nossa estampa representa é um dos mil sanctuarios que a fé dos crentes erigiu em testemunho de seu amor para com Deus.

Encontra-se a capella, do Senhor das Barrocas, junto a Aveiro e subjectivamente á sua fundação aventam varios escriptores algumas lendas curiosas.

Foi em 1707 que das esmolas dos romeiros e sobras de sizas com que a camara contribuiu, se fez a capella do Senhor das Barrocas.

## A REPUBLICA HELVETICA



SUISSA — O MONTE PILATOS

e que se chama Hochebena e estende de W a NW partindo da extremidade N do lago de Geneva para terminar na Wasser-Scheide, cadeia de collinas que se acha entre o Rheno e o Danubio.

A grande cadeia dos Alpes que, separa a Italia da Suíça, toma o nome de Alpes Peninos a partir do Feret e assignala a sua passagem pelos massissos notaveis do monte S. Bernardo e do monte Cervin, que tem a forma de uma torre e o monte Rosa que tem 4.636 metros de altura. Em frente d'esta poderosa massa de montanhas, separadas apenas pelo valle do Rhodano, ergue-se a ramificação colossal dos Alpes berneses. Ahi se estendem temerosos desertos de neve n'uma superficie de quarenta leguas suíças quadradas.

A magnificencia dos Alpes berneses, e os encantos dos primeiros planos são objecto e fim particular das excursões dos viajantes avidos de admirar, a belleza d'essas regiões agrestes.

Imagine-se, assim coalhada de mil pequenos lagos, como é agradável a paisagem suíça.

Favorecida pela natureza, que a guarda e esconde no seio das mais altas montanhas, a Suíça, é hoje um paiz neutro, e que facilmente mantém a sua autonomia e independencia.

Ao alcantilado dos seus montes, a rudeza das suas montanhas, ao profundo dos seus valles, vae o povo suíço oppondo todas as construcções que tornem facil a livre communicação.

Assim, são os elevadores, as pontes, as estradas, os trabalhos feitos.

As nossas gravuras representam um dos muitos ascensores que serpeiam por aquelles pittorescos montes. O caminho de ferro do Monte Pilatus. Na primeira vê-se a estação de partida, na segunda a machina subindo. Se não fóra a actividade da população suíça, os transportes pelo paiz não só seriam difficeis mas quasi impossiveis.

A lenda que mais insistentemente se indica é a seguinte:

Em Aveiro um candido devoto, de nome Custodio Fernandes, encontrava-se ás portas da morte e tendo muito amor á vida, intendeu dever apegar-se a um Senhor de pedra que em sitio agreste e bravo existia nas Barrocas.

Feita a competente promessa o homem conseguiu melhorar, e a sua cura alcançou tanta fama que a imagem de pedra viu-se cercada dos maiores respeitos e das mais pingues esmolas.

Construiu-se, então, primeiro uma capella de madeira, depois fez-se a igreja e após um tríduo de festas a que assistiu o conego Manoel Morcira Rebello, por incumbencia do bispo de Angola D. Luiz Simões Brandão, o qual governava por essa epoca o bispado de Coimbra, realisou-se a trasladacção processional da imagem, abrindo-se o templo ao culto em 16 de novembro de 1732.

As dadas e as ofertas foram gradual e successivamente crescendo. De longe vinham osromeiros cheios de esperança e gratidão, pois que aquelles, que como os marítimos, se viam por vezes em artigos de morte, faziam votos valiosos ao Senhor das Barrocas.

Ao lado do templo construiu-se uma ampla casa de forma rectangular para servir de aposentadoria aos forasteiros e visitantes constrictos. Era chamada a *casa da novena* pois que alli, curiosos e devotos, se demoravam em meditação durante nove dias rezando nove orações.

Apreciemos agora architectonicamente o pequeno templo. Tem elle a forma octogonal e exteriormente pode considerar-se uma boa peça do estylo jonico.

A elegante portada ostenta quatro columnas voluteadas.

Dois grandes anjos assentados exhibem um, o santo sudario, outro a tunica.

No friso lê-se esta inscripção, posta em fita de bronze.

DOMUS MEA DOMUS ORATIONIS VOCABITUR  
PULSATE ET APERIETUR VOBIS

No coroamento do portico dois anjinhos baioçam um festão de flores no qual ha uma cruz, e sobre a porta principal os florões, que a ornarnão são apreciaveis.

Ha, na porta lateral direita, dois anjos que cercam um escudete em que se vê um lyrio e uma torquez; correspondendo, na porta lateral esquerda a umas vergas e columnas.

Em volta, na parte superior, tem a capella sete janelas, e dezeseis pilastras, conjugadas supportam um entablamento externo que forma uma varanda sem grades nem balaustres e pela qual se pôde, dar a volta ao templo.

No interior a igreja é alegre e risonha cheia de luz. Os dois altares lateraes tem columnas torcidas, feitas de castanho, e ornamentadas com flores e anjos.

Nestes altares ha dois quadros que dizem ser de boa factura os quaes representam *A adoração dos magos e a Anunciação*.

Tambem se diz que na igreja da Magdalena, n'esta cidade, ha um quadro tambem do mesmo auctor.

A talha, comquanto rica, é sem maior gosto artistico e ate o aspecto exterior do edificio na pobreza das suas linhas é mais harmonioso que a pesada laçaria e ornamentação que o estylo grosseiro esculpiu pela madeira que orna o interior da capella.

Os dois pulpitos são um pouco melhores pois que é delicada a esculptura na pedra. As grades eram de madeira dourada.

Saindo pela sacristia, encontra-se um grande armario de pau preto e um *lavabo* com duas caranças, além de outros armarios mais pequenos em cujas portas existem no estado de recordação algumas figurinhas chinezas pintadas a ouro.

Agora que estamos fóra da Capella olhemos para o seu todo e veremos que não é despido de poesia o campanario que se ergue ao sol que illumina o gracioso templo.

## Uma Heroína Franco-Portuguesa

(Continuado do n.º 581)

### VIII

A cada instante se sente quanto M.<sup>me</sup> Vincens entrara na vida de Dupleix. Organisa se um passeio de Pondichéry a Madrasta, onde vão com Dupleix tres homens; e em que se não pensa em senhoras, até porque esse passeio tem por fim visitar uma familia, que o convidara a elle. Um dos viajantes, mr. de La Farelle, deixa umas memorias minuciosissimas acerca da sua estada na India, memorias em que conta esse passeio. Ahi refere que Dupleix tanto fez que conseguiu que M.<sup>me</sup> Vincens e M.<sup>me</sup> Aumont figurem passear do grupo viajante, e por signal que foram com os seus maridos, o que revela uma extrema confiança em Dupleix. Entre parenthesis diremos que mais uma vez nos apparece na narrativa d'esta viagem uma memoria portugueza. Os viajantes foram salteados por uma chuva medonha, que os encharcou completamente, e que os obrigou, apesar de já estarem perto de Madrasta, a refugiarem-se n'uma igreja portugueza abandonada. Em toda a parte se sente n'essa India o vestigio da nossa passagem.

Dupleix foi nomeado para Chandernagor, teve de partir, mas não se consolava de ser obrigado a abandonar a sua boa amiga, e tanto fez que conseguiu, auxiliado evidentemente por ella, levar Vincens a abandonar a sua alta posição em Pondichéry e a passar para Chandernagor onde lhe offerecia interesses commerciaes importantissimos.

Effectivamente os empregados da Companhia eram interessados nas operações que ella fazia, e negociavam com ella. Assim procedera tambem o governo portuguez logo que descobrira a India, e por isso o fulminam os criticos malevolos de tudo quanto são glorias nacionaes. Era revoltante, no dizer dos maledicentes, que os officiaes do rei, encarregados de representar a sua authoridade e de velar pelos seus interesses, tivessem ao mesmo tempo o seu negocio em pimenta. Bem sabemos que tinha inconvenientes, mas é incontestavel que tinha altas vantagens tambem. Onde encontrava Portugal o dinheiro necessario para para pagar aos seus capitães, aos seus funcionarios, que tinham de exercer o poder e a administração n'um territorio immenso «A Compañhia, diz o sr. Guet, não podendo retribuir sufficientemente aquelles que ella empregava, permittia-lhes (à moda dos Portuguezes — à instar dos Portuguezes) tomar, por sua conta e risco, um interesse nas operações do commercio marítimo local feitas debaixo do pavilhão francez.» E' claro que em Portugal considera-se como a ultima das abjecções só propria de um povo reles, mas nós sempre fomos a pratica que os Francezes—esse povo maravilhoso a que nós não somos dignos de atar os cordões dos sapatos— trataram logo de copiar.

O que é certo é que Dupleix enriqueceu em Chandernagor, mas que, enriquecendo honestamente, á luz do dia, tomando parte, como a lei lh'o permittia, nas operações commerciaes da Companhia das Indias Orientaes, enriquecia ao mesmo tempo a Companhia, que se maravilhava de poder distribuir fortes dividendos e de ver entrar o ouro em torrentes nos seus cofres. Se Dupleix fosse um simples empregado, recebendo no fim do mez os seus modestos vencimentos, não trataria de descobrir as formulas do commercio da India na India, e aliás tambem imitadas dos processos portuguezes—e, se quizesse trazer alguns proventos da India, roubando sem escrupulo os cofres da Companhia.

Os resultados maravilhosos da administração de Dupleix em Chandernagor, por tal fórma o recomendaram á attenção dos administradores, que, apenas vagou em Pondichéry o governo geral da India franceza em 1740, nomearam logo Dupleix. Este partiu, mas já casado. Em 1739 morrera o marido de Joanna; os dois amantes esperaram largamente que passasse o lucto, e só casaram a 17 de abril de 1741, mas tambem Dupleix só partiu depois de realisado o casamento.

E não deixaremos de citar mais um dos pequenos factos que tratamos de pôr em relevo n'este ligeiro estudo. O sr. Guet publica o assento do casamento, e lá figura entre as pessoas que assistiram á cerimonia, «*dona Isabel Rosa de Castro, mãe da esposa*». A portugueza reivindicava o seu tratamento nacional e não consentiu que a fizessem figurar modestamente como figurava no assento de baptismo de sua filha—*dame Elisabeth Rosa de Castro*. Até no ultimo documento a cuja feitura naturalmente ella assiste, se não commette esse erro de orthographia, *Castro* é que lá está.

(Continúa).

Pinheiro Chagas.

## A GAZETA DE LISBOA E O DIARIO DO GOVERNO

(Continuado do n.º 581)

Entretanto a *Gazeta de Lisboa* continuou a sua quarta epoca, ora redigida por Pinto de Queiroz ora por Antonio Vicente Dellanave.

Como já dissemos essa serie havia começado com n.º 132 em 5 de junho de 1823 e veio a findar dez annos depois, em 23 de julho de 1833 com o n.º 172 para dar lugar de honra á *Chronica Constitucional de Lisboa*, cujo 1.º numero appareceu á luz da publicidade no dia 25, seguinte aquelle em que as tropas do duque da Terceira entraram na capital.

Foi confiada a redacção da *Chronica* a David da Fonseca Pinto, o qual depois foi substituido por José Maria da Costa e Silva coadjuvado por José Maria de Sousa Monteiro.

A *Chronica* era encimada pelo escudo das armas reaes portuguezas, que ali figurou até ao n.º 66 de 18 de março de 1834 passando no seguinte numero a ser collocado entre as palavras *Chronica de Lisboa*, tendo por baixo do dito escudo um

livro aberto (a Carta) em que se lê, em typo mais miudo, a palavra *Constitucional*.

O ultimo numero da *Chronica Constitucional de Lisboa*, n.º 151, é datado de 28 de junho de 1834. Em 1 de julho seguinte appareceu a *Gazeta Official do Governo*.

Era então ministro do reino o conselheiro Bento Pereira do Carmo e diz-se que aquella modificação no titulo da folha official foi suggerida por Agostinho José Freire.

Esse titulo continuou inalteravel até ao n.º 83, 4 de outubro de 1834—ficando restricto simplesmente ao de *Gazeta do Governo* passando a ser inserta na folha além da parte official uma parte não official, na qual se promettiam exarar «todos os objectos de interesse publico,» programma que procurou seguir até ao n.º 157—31 de dezembro do dito anno—em que mudou o titulo de *Gazeta* para retomar, no começo do anno seguinte, o de *Diario do Governo*, o qual nunca mais perdeu até 1860.

Foi redactor da *Gazeta Official do Governo* o sr. José Frederico Pereira Marecos desde julho de 1834 até ao fim de 1835.

O *Diario* foi successivamente redigido pelos srs.: Paulo Midosi Senior, Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa (de julho de 1835 a 9 de setembro de 1836) João Carlos Lara de Carvalho (de 10 a 30 de setembro de 1836) Antonio Pereira Ferrea Aragão (de 30 de setembro a outubro de 1837) Alexandre Herculano, José Frederico Pereira Marecas (segunda vez: desde janeiro de 1840 até 9 de fevereiro de 1842) José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (de 11 a 18 de fevereiro de 1842) José Maria da Silva Leal (parte de 1842 e todo o anno de 1843) Carlos Bento da Silva (ultimos mezes de 1845 e em 1846 pela revolução do Minho) Eleuterio Francisco de Castello Branco (ultimos mezes de 1846 até setembro de 1847) e Ignacio Vilhena Barbosa (de outubro de 1847 a maio de 1849). Este ultimo foi exonerado por causa de um artigo que appareceu no n.º 111 d'aquelle anno no qual se accusava o parlamento de *ter falado muito e trabalhado pouco*.

Esse artigo acabava com o seguinte periodo: «... Porém se o parlamento mereceu tão fortes censuras, se varias considerações, ao que nos parece razoaveis e justas, o desculpam de alguma sorte pelo pouco que n'esta sessão tem feito a bem do paiz, cumpre-lhe exforçar-se para bem aproveitar o tempo que resta; e, se empregar ainda exforços, como esperamos que fará, ainda pôde attender a algumas necessidades publicas com que ganhe creditos e satisfaça o paiz.»

Este artigo serviu á opposição de arma de ataque ao governo, declarando a camara que se achava susceptibilizada por elle e perguntando ao presidente do conselho se lhe assumia a responsabilidade.

O chefe do gabinete, então o conde de Thomar, declarou que aquella era a opinião individual do auctor do artigo e que o governo nada tinha com isso, mas que trataria de dar plena satisfação á camara por medidas que lá adoptar.

As providencias prometidas não se fizeram esperar. Vilhena Barbosa foi exonerado de redactor do *Diario* e os artigos politicos na folha official cessaram desde então.

Vilhena Barbosa, escriptor honrado e consciencioso, veio á barra justificar-se publicando na *União* (n.º 111 de 19 de maio de 1849) um artigo de defeza que foi excellentemente acolhido por todos os jornalistas independentes e honestos.

Effectivamente, quem ler o artigo incriminado mal poderá comprehender como a camara legislativa de então se melindrou por tão pouco, hoje que os proprios ministros lhe dizem face a face coisas muito peiores!

Temos como certo que aquellas phrases dirigidas pelo redactor da folha official ao parlamento, ou antes, á opposição, que em todos os governos tem sido obstruccionista, não eram mais que o proprio pensar do governo, mas José Marcellino de Sá Vargas (servindo por doença do duque de Saldanha) não quiz, ou teve medo de as pertilhar, resultando os factos que depois se deram.

Dissemos algures que aos officiaes das secretarias d'estado havia sido concedido o privilegio da impressão e emulmentos da *Gazeta* pelo alvará de 23 de fevereiro de 1760, renovado depois por D. Maria I pelo decreto de 2 de maio de 1781.

O absolutismo acabou com esse privilegio, mas em 1822 pelo artigo 15.º d. lei de 12 de junho as côrtes constituintes o incluíram nas suas reformas liberaes, não pelo simples facto de ser privilegio o que pouco se concilia com as ideias da liberdade, mas porque os emulmentos da folha official iam beneficiar muitos funcionarios publicos, sem-

pre na nossa terra mal remunerados e vivendo nas maiores dificuldades.

Silva Pereira.

(Continua)

## SEGREDO ANTIGO

Romance pela Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 381)

### IV

Coincidiu com estes acontecimentos, a maior alegria que agitou os annos mocos do pupilo do José Elias. A sua correspondencia, interceptada durante algum tempo, tinha sido afinal reatada pelas manobras da Tintureira, que soubera aliciar com palavrinhas doces, a sua empresa, uma creada nova do Palmeirão. — rapariga aldeã que tinha as virtudes experimentadas pela audacia ardilosa de tres serandeiros rivaes, na ida epocha dos seus labores campestres. Esta rapariga, que tinha o convidativo nome de Felisbella, recebia as cartas da mão da Tintureira, e a ella, igualmente, entregava as respostas de Rosalia. Mas, como um dia visse Estevam e o achasse «bem parecido», resolveu trabalhar por conta propria, e eliminar o auxilio inutil da Tintureira. Para este fim, começou a facilitar-se, quasi a provocar as abordagens do rapaz; todavia como elle parecia não perceber o seu jogo, aproveitou a occasião em que a ama lhe tinha dado uma carta, e em lugar de ir entregal-a, como de costume, á Tintureira, esperou que Estevam passasse e, armando o rosto de um embaçado rubor, fez a entrega directamente. Depois d'este dia, nunca mais a velha interveio no negocio; e foi necessario que Estevam continuasse a visital-a e a ajudar-lhe a «porca da existencia», para que ella não alarmasse toda a rua, com a sua indignação de medianeira expoliada!

Com quanto Clara andasse agora cada vez mais illudida com as intenções de Estevam, que tentava desviar suspeitas com um jogo de ternura friamente estudado, o rapaz prosperava no coração de Rosalia, que lhe dava todos os pensamentos com ingenuidades que revelavam a crença profunda e deliciosa do primeiro amor sentido.

Mas, um dia, pareceu a Estevam que as effluções da sua paixão a custo cabiam na folha de papel em que diariamente as trasladava, e começou a insistir, já com Rosalia, já com a creada, na necessidade de uma entrevista em que ambos possessem communicar livremente, os segredos que o coração não ousava confiar ás cartas. A principio, a brasileira negou-se, admirada da audacia de tal desejo; mas as insistencias de Estevam que Felisbella auxiliava, insinuando-lhe a facilidade com que tudo se conseguiria em segredo, acabaram por lhe arrancar o consentimento; e, uma noite, o pupilo do José Elias, escalou o muro do quintal com ajuda da nespereira, saltou para o jardim do Palmeirão, e no mesmo instante encontrou um vulto que o guiou a um pavilhão de verdura, proximo.

— Entre — segredou-lhe a creada confidente. — A menina está ahí.

Ja a retirar-se, discretamente, mas a voz abafada de Rosalia chamou-a dentro:

— Felisbella!

— Minha senhora?

— Não vás, fica ahí, á porta, a vigiar que não venha alguém.

A rapariga, que encarava com certa philosophia estes transe de amor mysterioso, olhou com pasmo para a ama; depois, vendo a toda convulsa da emoção e do receio, teve um sorriso singular, e pôz-se de atalaya, enquanto Estevam, cahindo melodramaticamente aos pés de Rosalia, exclamava, beijando-lhe as mãos tremulas:

— Meu amor! Meu amor!

Desde este dia, uma confiança mutua estreitou mais aquelles corações tão diversamente formados, mas onde o mesmo amor abria caudales de igual ternura, porque ambos elles eram sinceros; só a pobre Clarinha vivia illudida por caricias premeditadas, e, sempre confiada e crente, cada vez se abandonava com mais ardor aos desejos d'esse rapaz que a formosura inacessivel de outra, estimulava!

Rosalia pouco conhecia das condições sociaes que cercavam o homem que amava. Sabia que no seu nascimento havia um mysterio, porque o proprio Estevam lh'o dissera, dourando a stygia da sua bastardia, com uma historia romanesca, confusamente imagmada sobre as suas reminiscencias de Emery, em que havia uma condessa e um prelado illustre. Esta preferencia com que elle distinguia o clero, fazendo um dos seus prin-

cipes responsavel pela sua existencia, fora-lhe suggerida pela particularidade de ter o seu destino preso á tutela humilhante de um sacristão. Assim, tudo era explicavel e airoso. E n'esta onda de confidencias, o rapaz não occultou que ao perfazer 25 annos, se operaria talvez uma radical alteração na sua vida, quando os papeis legados pela velha Pimenta, fossem enfim violados pela sua anciosa curiosidade.

Os encontros no pavilhão do jardim repetiram-se todas as semanas, sob a vigilancia da creada. No delicioso fervor dos primeiros momentos, tinham-se jurado mutua fidelidade, planeando as suas nupcias para o tempo em que a entrega legal dos papeis que o José Elias conservava, compietasse a existencia de Estevam. Rosalia promettia vencer qualquer repugnancia que a tia Florencia oppoesse ao enlace, recordando as palavras que o pae proferira ao morrer, em que ordenava deixassem a filha a livre escolha do seu futuro. E, transmitindo reciprocamente o valor necessario para o bem dos seus desejos, ambos elles viam decorrer com impaciencia, a larga serie de dias que os separava d'esse futuro illuminado pelas suas esperanças.

Um dia, Rosalia dispunha pensativamente alguns cravos nas jarras do oratorio familiar, quando Felisbella appareceu á porta.

— A seuhora D. Florencia manda dizer se a menina faz favor de lá chegar — exclamou ella.

— Já vou. Ella onde está?

— Na sala de visitas, com o senhor conego Pestana e outro senhor que não conheço. Naturalmente, parente...

— Sim.

— É um senhor novo, muito bom posto, mesmo muito. O que tem, é que traz não sei que n'um olho, parece um vidro collado...

N'este momento, a voz aguda de D. Florencia, sahiu do corredor, impaciente:

— Rosalia!

— Já vou, titi!

— Não te demores.

— Vou já, já!

E abandonando sobre uma jardineira os cravos que estava dispondo, correu a um gabinete proximo, demorou-se alguns minutos em frente de um espelho, compondo ligeiramente o penteado, e sahiu logo para a sala.

D. Florencia fez a apresentação do bacharel Silvestre com palavras em que se adivinhava uma sympathia nascente, talvez derivada da amizade especial que o conego lhe merecia; e Rosalia sentiu-se corar, notando a estupefacção quasi idiota com que o advogado a cumprimentava.

— O sr. doutor Silvestre, — interveio jovialmente D. Florencia, — já prometteu que vencia a questão das aguas de Setões. Ah! tem a proprietaria; ella que lhe agradeça!

Rosalia tentou um sorriso e balbuciou:

— Decerto... Eu agradeço...

— Não agradeça, minha senhora, não agradeça nada, sem ver! — atalhou o conego. — Isto, de coisas judiciais, é sempre incerto. E o Silvestre andou mal em prometter uma coisa que não está nas mãos d'elle.

Rosalia, já serenada, interrompeu amavelmente.

— É o mesmo. Basta que o sr. doutor empregue a sua boa vontade, para que tanto minha tia como eu, lhe tiqemos muito reconhecidas.

— Decerto, decerto, — concordou D. Florencia.

— Perdão, minhas senhoras, — interveio o bacharel, com voz difficil. — Eu prometti, effectivamente, bom resultado, não porque confiasse de mais nos meus meritos de advogado novato, mas porque toda a justiça está do lado de vossas excellencias. Ora sendo assim, parece-me que o triumpho não deve ser difficil...

— Homem! ha muita maroteira por esse mundo! E' bom estar sempre de prevenção. — atendeu o conego.

D. Florencia interveio, com um sorriso familiar...

— Credo, conego! O senhor, tambem, desconfia de tudo! Mas seja lá como fór, acabou-se! E certo que eu gostava de vencer a questão, mas era, sobretudo, para abater a prôa ao meu contendor. E' mais um capricho do que outra coisa. Todavia, para melhor conhecer as particularidades do litigio, desejava que o senhor fosse pessoalmente á quinta.

— Quando v. ex.º quizer.

— Sim? Então combinamos já um dia... Vamos de manhã, é melhor... Podemos até lá jantar; e fazemos d'essa obrigação um passeio agradável. Que diz, conego? Já se sabe, o senhor tambem fica emprazado para nos acompanhar.

— Que hei de eu dizer, minha rica senhora?

Digo que sim, minha senhora, que estou, como sempre, ás suas ordens.

— O peor, é que se aborrecem, decerto... — Contrariou delicadamente Rosalia. Um dia inteiro de Campo! O senhor doutor, pelo menos, vae-se aborrecer mortalmente!

— Eu?! Como v. ex.º se engana! Não ha ninguém que ame tanto a paz campestre como eu, minha senhora!

O conego arregalou os olhos, n'uma mimica de espanto, mas nada disse, porque as palavras de D. Florencia immediatamente lhe reclamaram a attenção.

— Então façam favor de destinar o dia, — exclamou ella.

— Nada, nada, v. ex.º são quem manda.

— Não... Diga lá, conego, quando lhe convem?

— P'ra mim é o mesmo. Nunca tive semana mais livre do que esta!

— Então, diga o senhor doutor...

— Não, minha senhora. Será quando v. ex.º determinem.

— Ah, que cerimonia!

— Va, diga então a titi! — exclamou Rosalia.

— Pois bem. Pode ser na... Quinta feira, depois de amanhã, serve-lhes?

— Maravilhosamente! — fez o bacharel, secundado por um violento accesso do conego, que estava asfixiado por um espirro.

Os dois homens ainda se detiveram muito tempo na casa do Palmeirão. Silvestre trahia abstracções e pouco interesse pela palestra de D. Florencia, os olhos esquecidos no delicioso perfil da sobrinha, com quem afinal incetara um dialogo á parte, deixando o tio conego só, sob o palvrear incessante da velha. Rosalia, vagamente enleada por aquella deferencia, sentia os olhos do advogado percorrerem a sua formosura, e admirava-se de que o seu coração, cheio do amor de Estevam, não se revoltasse contra a singular persistencia d'essa contemplação.

Sem poder explicar o motivo, Silvestre, que tinha sempre difficuldade em fugir ao seu habito de conversação vivaz e cambiante, surprehendese a dissertar, com a adoravel brasileira, sobre a vida affectuosa e retirada, tomando só, nos movimentos da sociedade, a parte que elles têm de mais superficial e menos perturbador. Não lhe escondeu, contudo, a admiração que lhe causava uma senhora tão nova e tão formosa, com todas as qualidades inherentes á ventura, passar os seus dias encerrada n'esse velho casarão, consumida de orações e de todo esse tedio espesso com que a Santa Igreja costuma galardoar os seus fieis. Ella confessou que a educação que tivera, sempre recolhida, sob a amizade dos seus, lhe amoldara o espirito a esse fastidioso regimen de existencia; de mais, como sabia pouco e nunca andara involvida em tumultos de mundanismo, os seus desejos, faltos de estimulante, conservavam-se adormecidos; e tendo ja mais de vinte annos, não pensara ainda na felicidade com que outra qualquer existencia pudesse illuminar a sua juventude.

Rosalia, quando dizia isto, não se lembrava decerto do juramento que a ligava a Estevam. Os corações sensiveis têm, ás vezes, d'estas incoherentes abstracções.

Final o conego ergueu-se em despedida; Silvestre, sem vontade, ergueu-se tambem; e, entre os ultimos cumprimentos, a voz de D. Florencia lembrou:

— Então esta combinado. Na quinta-feira vamos a Setões. Lá mando a carruagem ás 10 horas da manhã. E preciso madrugar, senhor doutor!

— Oh, minha senhora, com mil vontades. Ainda que fosse ás 5 da manhã.

Quando sahiram, em caminho para casa, o conego disse ao sobrinho:

— Sempre tu és um farcista!

— Eu?! Porque?

— A dizeses ás brasileiras que gostavas muito do Campo, e tal, sim senhores... e afinal de contas o que tu querias era lá não pôr o pé, em Setões.

— Ora; o tio tem coisas!...

O conego riu:

— E ellas comeram-na! Tens labia, maroto. A D. Florencia ficou babadinha por ti, pelo teu palvriado. Disse-me que eras um perfeito cavalheiro. E' o que eu te digo: entraste-lhe no coração!

— Abrenuncio! No coração da velha?.. Safa, reverendo tio, não quero tal habitação!

— Homem, — fez o conego, philosophicamente, — casas velhas são as mais bem feitas.

— Pois habite-as, reverendo tio, e deixe-me as novas para mim.

— Deixo, deixo! Que remedio tenho eu, senão deixar!... E' verdade, olha lá: e que tal, a sobrinha? Vocês pegaram-se a fallar, nem que fos-

sem já muito conhecidos... Quer dizer; tu, no principio, quando ella appareceu, ficaste emburrado, nem parecias o mesmo.

O outro, vagamente enleado, encolheu os hombros, n'uma evasiva discreta.

— Não me lembro.

— Mas que tal te pareceu ella?

— A sobrinha?... Bem.

— Estava ali uma noivinha a calhar, hein?

Silvestre murmurou, pallidamente:

— Que idéa!...

— Ah, é verdade, não me lembrava dos teus principios antimatrimoniaes... Pois, meu amigo, fazes uma redonda asneira! Quando ellas assim apparecem, quem as não aproveita, se não é tolo... sabes o que é?...

— O que é?

— E' burro! — disse o conego com toda a força da sua convicção.

(Continua)



## REVISTA POLITICA

De um extremo ao outro do paiz sentiu-se espanto, admiração, assombro até, tão grande, tão mesperado, que a todos colheu de surpresa, no meio da brandura dos costumes indigenas.

Foi o caso que um dia appareceu no *Diario do Governo*, a demissão de um empregado publico, de um funcionario do primeiro estabelecimento escolar do paiz, o secretario da universidade de Coimbra.

A causa de tal demissão fôra o demittido ter se manifestado publicamente contra as instituições vigentes, fazendo parte de uma commissão republicana na Lusa Athenas.

Nós respeitamos as idéas politicas de todos, quer ellas sejam retrogradas como as de um sebastianista ou avançadas como as de um communista, porque a liberdade de pensar é um direito tão natural, que só custa a comprehender que para a sua conquista e manifestação fosse mister derramar tanto sangue, em luctas contra o despotismo esmagador da liberdade de pensamento.

Mas porque respeitamos esse direito, nem por isso entendemos que elle se possa exercer, em todas as circumstancias e casos, porque a isso muitas vezes se oppõem as conveniencias sociais, as leis que nos regem, os proprios interesses, e o respeito que se deve ás maiorias, nucleo de força que tem o natural direito de se impôr.

Aqui se podia applicar o preloquio de: «quem diz o quer, ouve o que não quer». Foi o que aconteceu, e que tão grande espanto causou, n'esta boa terra, em que cada um faz o quer, sem se importar saber se os outros querem tambem.

Costumados como estamos a esta liberdade licenciosa, muito proxima da anarchia, foi fallado e discutido em todas as folhas o caso de haver um governo que demitte um funcionario publico, porque este conspira contra as instituições sob o regimen das quaes vive o paiz, por vontade da sua maioria. Era em verdade espantoso haver um governo portuguez que fizesse o que fazem todos os governos do mundo.

Um acto assim de força nunca se vira, e não sabemos se até o proprio governo se admirou de o haver praticado.

Vieram a tempo todos os logares communs das persiguições, a dos cabraes, a do casete e até a da force; veio tudo, menos o bom senso e a razão, como se este paiz não tivesse nem rei nem roque, e devesse deixar a cada qual o direito de conspirar livremente, para assim ser acatada a liberdade que a Carta fiscalta a este povo.

Ora se os conspiradores entendem assistir-lhes o direito de conspirar, não devem negar ao governo o direito de, pelos meios que melhor entender, reprimir e castigar dentro da lei, esses conspiradores. De outro modo não se definiria o governo d'este paiz, o que, por vezes, é preciso confessar, não se sabe ao certo qual seja.

A nação por enquanto tem determinadas instituições por vontade da sua maioria e ao governo cumpre mantel as e fazer respeitadas e mal irá aquelle que assim não proceder.

E por isso que enquanto a imprensa opposicionista atacava o governo pelo seu acto de força, a maioria do paiz, no meio do espanto que lhe produziu esse acto de força, deu razão ao governo porque comprehendem que é preciso haver alguém que governe.

Assim continuam a serem infelizes as opposições



AVEIRO — CAPELLA DO SENHOR DAS BARROCAS

(Copia de uma photographia)

em suas investidas contra o governo, tão infelizes que nem mesmo tocando a corda sensível do contribuinte para que não pague as contribuições, tem conseguido afastar dos cofres publicos o pagamento das mesmas, no que, em verdade o povo tem dado lições de bom senso a quem o pretende desanortear.

E o que está acontecendo com as contribuições é o mesmo que succedeu com os comicios, que fizeram completo fiasco, tão grande, que levou o desanimo á coligação liberal, de republicanos e monarchicos cujo cordão umbilical está prestes a desfazer-se, á falta de alimento.

Quando o paiz inteiro pede administração, reconhecendo a necessidade inadiavel de um governo que administre em vez de fazer politica, não nos parece occasião azada para o chamar a comicios especulativos de politiquice. E é este mau caminho seguido pela opposição que a tem afastado do poder, descobrindo a sua fraqueza e dando força ao governo.

Como se ririam de tudo isto os velhos politicos que hoje dormem á sombra dos cyprestes. Arvore, que dá tanta sombra como o cano de uma chaminé, figura de rhetorica que vale tanto como os discursos produzidos nos varios comicios que para ahi se tem realizado, desde Cheira Ventos até Mata Cães.

Emquanto ao parlamento nada se sabe por enquanto a respeito da sua reabertura apesar, de se dizer que abrirá em março.

O que parece certo é que não abrirá, mas que será dissolvido e virão outras eleições, logo que esteja publicado o novo codigo administrativo, e reforma eleitoral que estão sendo elaborados pelo governo.

E' mais um acto de dictadura com que o paiz vai ser brindado, graças á esterilidade parlamentar que apenas tem sabido, n'estes ultimos tempos produzir rhetoricas estafadas em sessões tumultuosas de um parlamentarismo reles.

Em dictadura ainda, ultimou o governo um contracto com o Banco de Portugal, que tem sido apreçado como altamente vantajoso para o paiz.

Nós não nos pronunciamos sobre este contracto,

aguardando-lhes as consequencias o que sempre é melhor do que disparatar sobre o caso, como temos visto ahi em algumas folhas politicas.

Para nós entendemos que o contracto terá todas as vantagens que se podem alcançar em negocios de dinheiro, cuja solução tem de ser adiada, e o certo é que, apesar de todos os artigos que os jornaes tem editado sobre tal convenio, ainda não conseguiram tirar nada a limpo da questão.

Decididamente as finanças não é o forte dos nossos politicos, antes pelo contrario.

E agora o está provando um andrajoso mascarado, que defronte da nossa janella está pedindo em altos berros dextreiros para o velho.

Uma miseria!

João Verdades.

## Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» Para 1895

Está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empresa do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

### Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

### Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches, Rua Nova do Lourico, 25 a 37